

## APRESENTAÇÃO

Através deste número, a revista *História Social*, dos alunos do programa de Pós-Graduação em História Social da Unicamp, oferece uma contribuição aos debates recentes sobre as relações entre História e Literatura. Cinco artigos e uma tradução compõem este dossiê, cada qual com perspectivas teóricas, objetos e abordagens muito próprias, demonstrando o quanto são amplas as preocupações que giram ao redor do tema atualmente.

A tradução do texto de Peter Hulme e os artigos de Rafael Ruiz e Wilton Silva trabalham o tema de formas muito diferentes entre si, em um período muito próximo (concentrado entre o final do século XV e o início do século XVII). Hulme, a partir de uma análise materialista dos discursos presentes no diário da primeira viagem de Colombo e da carta que o genovês escreve aos Reis Católicos, percebe o aparecimento da palavra “canibal” na tensão entre dois projetos de mundo que se apresentam: o do comércio com o Oriente, gravado no “discurso oriental”, cuja fonte é Marco Polo, e o da exploração do “ouro selvagem”, marcado no “discurso da selvajaria”, cuja fonte seria Heródoto. Ruiz, por sua vez, busca compreender as motivações e justificativas para a conquista da América através do léxico fornecido por duas obras “clássicas” do início da “modernidade”: *O Príncipe*, de Maquiavel, e *Dom Quixote*, de Cervantes. O resultado é a elaboração de uma noção de utopia, na base das conquistas, que em nada vai contra à noção possível de “realidade” da

época. Por último, Silva apresenta sua leitura de “Viagem à terra do Brasil”, de Jean de Léry, mostrando como a novidade da América exigiu a invenção de um olhar capaz de compreender o singular e o diverso. Nesse sentido, o texto de Léry é exemplar de como a “alteridade” da América pode dar-se a ler pelo velho continente no século XVI, articulando dois mundos em um único texto.

Os três outros artigos que compõem o dossiê versam sobre seu tema em momentos históricos nos quais os domínios da História e da Literatura apresentam-se claramente demarcados por uma poética que afasta a estética da organização pragmática do mundo, gerando a ilusão de que os textos literários são de natureza diversa das “ficções” que os historiadores podem tomar como fontes da realidade. O texto de Flávia Biroli, a partir de quadros teóricos da análise do discurso e, sobretudo, uma leitura própria de Michel Foucault, problematiza a distância entre textos fictícios e “não-fictícios”, comparando as histórias do período da ditadura militar brasileira provenientes de contos de Ivan Ângelo e de um célebre artigo de Thomas Skidmore. Muito mais do que dissolver ou recrudescer as distâncias entre os dois registros, Biroli demonstra quão diferentes são as histórias que dão voz, sendo, muitas vezes, o texto fictício mais útil ao historiador por permitir a entrada de vozes que as “fontes” tradicionais da história tendem a apagar em nome da “objetividade”, da “impessoalidade” e da univocidade de um narrador onisciente. Rildo Cosson, no seu artigo sobre *As noites das grandes fogueiras e Uma história da Coluna Prestes*, trata o livro de modo a expor sua perspectiva de que História, Literatura e Jornalismo compartilham estratégias e colaboram entre si no caminho de aproveitar os acontecimentos para lançar, ao imaginário coletivo, histórias que falam de dramas ou inquietações humanas mais amplas. Já o artigo de Sílvia Martins de Souza traz à cena

uma faceta pouco conhecida de Gonçalves Dias, a de escritor de folhetins sobre as muito freqüentadas apresentações de teatro no Rio de Janeiro de meados do século XIX, cumprindo um papel “civilizador” do heterogêneo público de teatro do período. Nos três artigos, os objetos históricos e literários *debatem-se* na busca pela libertação das amarras que os fazem, *a priori*, peças de disciplinas distintas, caminhando para uma noção de Literatura com comprometimento com o tempo e de História com a textualidade.

Além dos artigos e da tradução trazidos no dossiê, como de hábito, a revista oferece resenhas de livros acadêmicos da área de História e outras afins, com temáticas diversas. Traz, ainda, duas apresentações de “fontes e arquivos” relevantes à pesquisa histórica no país: a de Marilda Santana sobre o Projeto Resgate e sua relevância para o estudo da Minas Gerais Colonial e a de Norberto Ferreras, sobre o *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*. Outros dois artigos de temas não contemplados pelo dossiê completam o número: o de Moema Vergara, que traça um mapeamento de diversas imagens que compõem identidades femininas de gênero no século XIX a partir da biografia da feminista e socialista francesa Flora Tristan, e o de Fabiane Popinigis, que problematiza a noção de “consciência de classe”, abordando a situação específica dos empregados do comércio no Rio de Janeiro entre fins do século XIX e início do XX. Os dois artigos versam sobre áreas tradicionalmente pesquisadas no interior do programa de Pós-Graduação em História do IFCH – Unicamp, estudos de gênero e relações de trabalho respectivamente, e são contribuições substanciais aos seus campos de saber.

Por último, o número disponibiliza a lista de teses e dissertações defendidas no programa entre 2001 e 2002 e suas renovadas normas de publicação, que chegam para auxiliar na agilização e aprimoramento dos

processos envolvidos entre o recebimento das propostas de publicação ao número pronto. Com este número 8/9, a *História Social* mostra, mais uma vez, graças à colaboração dos autores e de todos os envolvidos em sua produção, edição e distribuição, sua seriedade e desejo de abordar, com a melhor qualidade, os debates atuais da historiografia brasileira. A todos que participaram deste processo, ficam os nossos sinceros agradecimentos.

*O Conselho Editorial*